

# FETICHISMO E UNIDIMENSIONALIDADE: O MARXISMO DE MARCUSE

## FETICHISM AND ONE-DIMENSIONALITY: MARCUSE'S MARXISM

*Cristian Arão Silva de Jesus<sup>1</sup>*

**Resumo:** A análise dos mecanismos de controle do capitalismo é algo extremamente importante para a tradição marxista. Diversos autores preocuparam-se em entender como o capitalismo cria um modo de vida onde as pessoas introjetam certos valores que servem para a manutenção do sistema vigente. O próprio Marx, n' *O capital*, dissertou sobre o fenômeno do fetichismo. Tal fenômeno seria responsável por criar uma forma de existência onde as relações humanas estariam “enfeitiçadas” e as pessoas assumiriam pra si valores que perpetuariam o capitalismo. Herbert Marcuse também dedicou muito de sua obra para compreender essa introjeção de valores. Para ele, esse processo teria alcançado níveis extremos ao ponto dessa ideologia criada se apresentar como pensamento consensual e único, criando uma única dimensão. O presente artigo tem como objetivo analisar a influência da teoria do fetichismo para a construção do conceito de unidimensionalidade.

**Palavras-chave:** Marcuse. Marxismo. Fetichismo. Unidimensionalidade.

**Abstract:** The analysis of capitalism control mechanisms is extremely relevant in the marxist tradition. Several authors were concerned to understand how capitalism creates a way of life where people introject certain values that serve to maintain the current system. Marx himself, in *Capital*, spoke about the phenomenon of fetishism. This phenomenon would be responsible for creating a concept existence where human relations would be “bewitched” and people would have assumed to him self values that perpetuate the capitalismo. Herbert Marcuse also devoted much of his work to understand this internalization of values. For him, this process would have reached extreme levels to the point that ideology created to perform as agreed and single thought, creating a single dimension. This article aims to analyze the influence of fetishism theory for the construction of the concept of one-dimensionality.

**Keywords:** Marcuse. Marxism. Fetishism. One-dimensionality.

\* \* \*

### 1. Introdução

O primeiro contato de Marcuse com o pensamento marxista se dá através de sua experiência com a revolução alemã de 1918. Segundo o próprio, naquele período era possível “tocar com as mãos o que estava acontecendo.”<sup>2</sup> O então jovem Herbert participou do processo como representante do conselho de soldados de Berlim-Reinickendorf durante um ano. Em 1919, com a política do Partido Socialdemocrata

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia – UFBA; atualmente também é Professor substituto da Universidade Federal do Vale do São Francisco. E-mail: cristian\_arao@hotmail.com

<sup>2</sup> LOUREIRO In Almeida e Bader, 2009, p. 208.

Alemão de conciliação com o antigo exército imperial, Marcuse abandona o cargo de representante. Ainda em dezenove abandona também o PSD após o assassinato de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, pois considerava que lideranças do Partido tiveram responsabilidade no incidente. A influência do marxismo de conselho, porém, persistirá ao longo de sua vida intelectual e política, de modo que pode-se identificar a sua posição teórica e prática como herdeira direta do comunismo conselhistas.

Já na década de trinta, foram revelados um conjunto de textos escritos por Marx em sua juventude, em 1844. Os *Manuscritos econômico-filosóficos*, que segundo o próprio autor teriam ficado para a crítica roedora dos ratos, ao se tornarem públicos tiveram uma boa recepção. Segundo Isabel Loureiro, Marcuse foi o primeiro filósofo a produzir um comentário exaustivo destes textos<sup>3</sup>. O que ele percebeu de inovador e interessante nesses manuscritos de 1844, é que neles seria possível tratar de questões relativas à subjetividade que ele havia primeiramente buscado em Heidegger. Ao encontrar tais textos, ele, de certa forma, abandona a fenomenologia e pensa poder suprir essa questão com as obras do jovem Marx. Além dos *Manuscritos econômico-filosóficos*, é sabido também que Marcuse foi bastante influenciado pelos textos que compuseram os *Grundrisse*, que tiveram sua versão alemã em 1939. De acordo com Douglas Kellner “O *Grundrisse* de Marx foi de extrema importância em ajudar Marcuse a perceber a noção marxiana de trabalho libertado e do reino da liberdade aparecendo dentro do reino da necessidade” (KELLNER, 1984, p. 470)<sup>4</sup>.

De maneira resumida pode-se afirmar que, sobre a herança marxista de Marcuse, esses são os pontos mais comentados: o seu envolvimento com conselhistas, a influência dos manuscritos de 44 e do *Grundrisse*. Por outro lado, pode-se perceber também a herança de outra teoria de Marx: o fetichismo. Apesar dessa influência ser ventilada por alguns autores, parece-me que ela foi pouco desenvolvida efetivamente. Segundo John Abromeit, apesar de veladas, existem referências aos conceitos de trabalho alienado e fetichismo da mercadoria, e estas são de extrema importância pois permaneceram na estrutura na teoria marcusena, ainda que de forma subjacente em *Eros e Civilização*.<sup>5</sup> Outro pensador que partilha de posição semelhante ao tema é o filósofo que, dentre outras coisas, se debruçou sobre a teoria do fetiche e seus desdobramentos, John Holloway. Para ele “Na obra de Marcuse, o triunfo do fetichismo foi capturado

---

<sup>3</sup> Ibid., p. 211.

<sup>4</sup> Marx's *Grundrisse* was utmost importance in helping Marcuse to envisage a Marxian notion of liberated labour and the realm of freedom appearing within the realm of necessity.

<sup>5</sup> ABROMEIT In REPA; TERRA, 2011, p. 291.

pelo título do seu trabalho mais famoso, *O homem unidimensional*. O pensamento positivo e a racionalidade instrumental impregnam a sociedade de tal maneira tão absoluta que ela se converteu em unidimensional” (HOLLOWAY, 2003, p. 134). Além desses comentários, é possível perceber na própria obra de Marcuse referências não veladas. Em *One-Dimensional Man*, o autor se refere à unidimensionalidade como a “reificação total no fetichismo total da mercadoria” (MARCUSE, 1973a, p. 8) e ainda disserta sobre um “fetichismo tecnológico” (MARCUSE, 1973a, p. 217). Dessa forma, pretende-se aqui desenvolver essa relação do pensamento marcuseano com a teoria do fetiche de Marx. Para tanto faz-se necessário primeiramente um esclarecimento do que é o fetichismo para Marx, para posteriormente compreender como essa teoria foi resgatada para compor o conceito de unidimensionalidade.

## **2. Fetichismo**

A palavra “feitiço” surge no século XV do contato dos exploradores portugueses com os cultos africanos. Esta palavra era usada para designar objetos que teriam poderes sobrenaturais. Ao longo da história do pensamento ocidental, alguns autores tomaram de empréstimo as variações dessa palavra para o desenvolvimento de suas ideias. Marx se vale da variação francesa da palavra feitiço (fetiche) para afirmar que a mercadoria (produto do trabalho humano) acaba por adquirir características “metafísicas e teológicas” e assume uma aparente autonomia, como se ganhasse vida própria. Em um tópico denominado *O caráter fetichista da mercadoria: o seu segredo*, presente no livro um d'*O Capital*, Karl Marx investiga as "sutilezas metafísicas" que envolvem os produtos do trabalho humano. Para ele, é como se houvesse uma aura que cobrisse esses produtos, de modo que eles adquiram mais importância do que a sua utilidade. Além dessa maior importância, essa aura que encobre as coisas, as tornam o centro das relações humanas. A relação entre os homens passa a ser mediada por esses objetos enfeitados. Para Marx, esse mistério da autonomização surge quando o produto do trabalho humano se torna mercadoria, isto é, entra no mercado.

De onde provém, então, o caráter enigmático do produto do trabalho humano, tão logo ele assume a forma mercadoria? [...] O misterioso da forma mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens as características sociais do seu próprio trabalho como características objetivas dos próprios produtos de trabalho, como propriedades naturais sociais dessas coisas e, por isso,

também reflete a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social existente fora deles, entre objetos (MARX, 2006, p.93-94)

Nesta passagem, Marx demonstra sua influência do jovem hegelianismo. Assim como Feuerbach, que pensa Deus como uma projeção de características humanas. Marx considera que a mercadoria é um produto humano, que devido ao modo de sua produção assume certas características que aparentemente são próprias da mercadoria, mas na verdade são, simplesmente, um reflexo das características da relação social presente em sua produção. De acordo com Marx, a divisão social do trabalho, e a não participação dos trabalhadores nas decisões sobre o trânsito e a produção das mercadorias, distanciam o produto do produtor, fazendo assim com que o trabalhador perca de vista o produto do seu trabalho.

O conceito de trabalho em Marx, remete à relação do homem com a natureza. O homem prefigura e realiza a transformação de algo. Isso o diferencia dos outros animais, pois ainda que outros animais transformem a natureza e criem coisas, como a aranha que tece suas teias, eles não prefiguram o objeto do seu trabalho, isso é uma característica humana. Com a divisão do trabalho, uns trabalhadores prefiguram e outros executam. Dessa forma, o trabalhador perde a noção de totalidade de sua produção. Em muitos casos, o produtor sequer conhece o produto final do seu trabalho. Nesse cenário, além da divisão do trabalho, o que é produzido, ou quanto será produzido também não é uma escolha racional. Não existe um debate sobre o que a sociedade precisa. O que existe é a regulação do mercado pela lei da oferta e da procura. A partir desse controle do mercado, as relações sociais passam a ser balizadas pelos produtos do trabalho, a mercadoria. De acordo com Marx, a mercadoria é um produto externo do homem, provida de valor-de-uso e valor-de-troca. O valor-de-uso é a utilidade do objeto, é o que ele pode realizar. Por outro lado, o valor-de-troca é extra-sensorial, fruto da relação social que esteja inserida na mercadoria. Sob o capitalismo, as relações de troca desconsideram o valor-de-uso, e só é levado em conta o aspecto suprassensível do valor-de-troca.

Objetos de uso se tornam mercadorias apenas por serem produtos de trabalhos privados, exercidos independentemente uns dos outros. O complexo desses trabalhos privados forma o trabalho social. Como os produtores somente entram em contato social mediante a troca de seus produtos de trabalho, as características especificamente sociais de seus trabalhos privados só aparecem dentro dessa troca. Em outras palavras, os trabalhos privados só atuam, de fato, como membros do

trabalho social total por meio das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho, e por meio das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho, e por meio dos mesmos, entre os produtores. Por isso, aos últimos aparecem as relações sociais entre seus trabalhos privados como o que são, isto é, não como relações diretamente sociais entre pessoas em seus próprios trabalhos, senão, como relações reificadas entre as pessoas e relações sociais entre coisas (MARX, 2006, p.94-95)

O caráter de fetiche da mercadoria corresponde à sua produção, porém este caráter só se efetiva realmente quando o produto do trabalho se torna mercadoria, ou seja, quando há venda. Quando essa coisa produzida adquire valor-de-troca, ela passa a fazer parte do mercado e o criador perde controle da sua criação. Acontecendo isso, o produto do trabalho humano ganha primazia frente ao seu produtor. De fato, ele adquire vida própria pois as relações entre pessoas se tornam relações entre os produtos do trabalho dessas pessoas. A mercadoria se torna o centro das atenções porque a sociedade se desenvolve priorizando a produção, a distribuição e a venda de mercadorias. Dessa forma não é mais o produtor que controla o produto, mas o produto que controla as pessoas que a produziram. É uma objetificação dos sujeitos e uma subjetivação dos objetos.

Ao analisar o fenômeno do fetiche, Marx eleva sua crítica do capitalismo a uma maior amplitude. Não se trata de simplesmente denunciar a miséria e a exploração da forma de organização capitalista da sociedade, mas sim de tentar entender como a manutenção desse sistema está calcada como uma espécie “forma de vida”. Se trata de compreender como as relações sociais são balizadas através da lógica do mercado. Por isso, para muitos marxistas o conceito de fetichismo é um conceito central da obra de Marx. Através dele é possível entender como o capitalismo necessita de certos valores éticos para manter o seu funcionamento. N’*O Capital*, esses valores são explicitados através da referência à Robinson Crusoe. As robinsonadas não são nada mais que a exaltação do individualismo e a consagração do herói burguês que ficará mais tarde conhecido como *self made man*. O herói burguês é aquele que cultiva o sacrifício para exaltar o mérito de conseguir vencer sozinho, assim como no romance de Daniel Defoe, no qual Crusoe se encontra numa ilha deserta com poucos instrumentos, mas mesmo assim consegue sobreviver e ainda expandir suas posses. Entretanto, se sabe que na vida em sociedade esse indivíduo que se supõe autossuficiente, na verdade está apoiado em muitas outras pessoas e goza de certos privilégios para que ele possa ascender e se manter. Tal mito é necessário ao capitalismo, porque é imprescindível que o trabalhador

acredite que com seu esforço ele irá obter melhores condições, pois assim ele aceita com mais facilidade a sua jornada de trabalho. O que diferencia o trabalho escravo do trabalho assalariado do capitalismo é que neste último, o trabalhador, de certo modo, age de bom grado ao entregar sua força de trabalho e se põe em competição com outros para se destacar produzindo mais. Sendo assim, o capitalismo se mostra como um sistema que não só regula a economia, mas que cria e mantém um certo *ethos* de individualidade e competitividade e sacrifício.

### **3. Unidimensionalidade**

Uma das grandes preocupações de Marcuse ao analisar o capitalismo é justamente entender como e por que as pessoas exploradas que vivem sob o esse sistema repetem esses valores que claramente lhe são prejudiciais. Ele se põe a analisar como se dá essa servidão que é, de algum modo, voluntária. Em *Eros e Civilização*, o autor desenvolve um argumento a partir da psicanálise para tratar de como esses valores são introjetados no indivíduo. Concordando com Abromeit, parece-me que tal análise deve muito também à teoria do fetichismo. No *Prefácio Político, 1966* de *Eros e Civilização* é exposto que a tese desenvolvida nesse livro só é completada em *One-Dimensional man*<sup>6</sup>. Com isso temos em mente que as duas obras fazem parte de um projeto de análise da realidade que começa com o auxílio da psicanálise, para compreender como os valores são introjetados e termina com o exame do resultado dessa introjeção, que para Marcuse é a ideologia da sociedade industrial.

De acordo com Douglas Kellner, Marcuse precisou criar outros conceitos porque a sua interpretação sobre tais temas foram além das interpretações de Marx. Segundo ele:

Ainda que Marx tenha argumentado que o capitalismo criou um mundo à sua própria imagem e analisado a ideologia burguesa, necessidades e fetichismo da mercadoria, ele não antecipou que na medida em que a ideologia, cultura de massa e consumismo integraria a classe trabalhadora na sociedade capitalista. Em sua análise política, Marx desconsiderou a possibilidade de identificação da classe trabalhadora com a sociedade capitalista e acreditou que essa sempre iria adquirir consciência revolucionária e ser a classe revolucionária. (KELLNER, 1984, p. 244)<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> MARCUSE, 1975, p.14

<sup>7</sup> Although Marx argued the capitalismo created a world in its own image and analyzed bourgeois ideology, needs and commodity fetishism, he did not anticipate the extent to which ideology, mass culture and

Analisando o capitalismo de meados do século XX, Marcuse percebe que a ideologia de dominação proveniente do fetichismo alcançara níveis que Marx, no século XIX não tinha como prever. Embora o autor d'*O Capital*, através de sua análise do fenômeno do fetichismo, tenha percebido como o capitalismo adentra na consciência do indivíduo, não seria possível ele intuir de que forma aconteceria essa invasão da lógica do capital nas relações sociais em uma sociedade capitalista com características diferentes. O próprio Marcuse, em *Eros e Civilização*, também não teria dado a atenção necessária às novas formas de controle social que surgiram com o capitalismo tardio.<sup>8</sup> Talvez por isso, tenha se preocupado posteriormente em desenvolver o conceito de unidimensionalidade. Em *One Dimensional Man*, ele afirma que, apesar da aparente forma de pluralidade e liberdade das sociedades industriais avançadas, o que existe é uma sociedade manipulada e unidimensional. Para Marcuse, realidade é exposta de forma falsa no capitalismo tardio, existem necessidades verdadeiras e falsas, assim como existem consciências verdadeiras e falsas. De acordo com essa teoria, a ideologia do capitalismo se preocupa em manter essa unidimensionalidade através dessas realidades e necessidades falsas. Segundo Kellner:

Marcuse [...] argumenta que as necessidades consumistas e conformistas ajudam a integrar a classe trabalhadora na sociedade capitalista. Embora ele afirme que todas as necessidades humanas são históricas e pré-condicionada pelas instituições e interesses dominantes, Marcuse acredita que é crucial a distinção entre *necessidades verdadeiras*, que são essenciais para a sobrevivência humana e bem estar, e *necessidades falsas* que são sobrepostas no indivíduo por particulares interesses sociais: as necessidades que perpetuam a labuta, agressividade, miséria e injustiça. Falsas necessidades, para Marcuse, são artificiais e heterônomas: são impostas de fora sobre o indivíduo por interesses manipuladores. (KELLNER, 1984, p. 244)<sup>9</sup>.

Se percebe que, apesar de Marcuse diferenciar realidades falsas de verdadeiras, ele tenta não cair em afirmações essencialistas. Ao pensar as necessidades como

---

consumerism would integrate the working class into capitalist society. In his political analyses, Marx always discounted the possibility of identification of the working class with capitalist society and believed that it would always acquire revolutionary consciousness and be a revolutionary class.

<sup>8</sup> MARCUSE, 1975, p. 13

<sup>9</sup> Marcuse [...] argues that consumer and conformist needs help integrate the working class into capitalist society. Although he claims that all human needs are historical and preconditioned by the prevailing institutions and interests, Marcuse believe that is crucial to distinguish between *true needs* that essential to human survival and well being, and *false needs* that are superimposed on the individual by particular societal interests: the needs which perpetuate toil, aggressiveness, misery and injustice. False needs are for Marcuse artificial and heteronomous: they are imposed upon the individual form outside by maipulative interests

históricas, ele não as coloca como imutáveis e eternas, e sim como um produto social, e percebe também que esse produto social surge e se mantém através dos interesses da classe dominante. Marx já desenvolvera que a utilidade do produto do trabalho humano pode satisfazer tanto o estomago quanto a fantasia<sup>10</sup>. O que ocorre no capitalismo avançado é que esse atributo da fantasia é desenvolvido pela publicidade e pelos meios comunicação para alegar quais são as necessidades que deverão ser os objetivos das pessoas. Tais objetivos são calculadamente feitos para serem realizados ou não, com o intuito de apaziguar ideologicamente as contradições de classe.

A nossa insistência na profundidade e eficácia desses controles é passível da objeção de que superestimamos grandemente o poder de doutrinação dos "meios de informação" e de que as pessoas sentiriam e satisfariam por si as necessidades que lhes são agora impostas. A objeção foge ao âmago da questão. O recondicionamento não começa com a produção em massa de rádio e televisão e com a centralização de seu controle. As criaturas entram nessa fase já sendo de há muito receptáculos pré-condicionados; a diferença decisiva está no aplanamento do contraste (*ou* conflito) entre as necessidades dadas e as possíveis, entre as satisfeitas e as insatisfeitas. Aí, a chamada igualação das distinções de classe revela sua função ideológica. Se o trabalhador e seu patrão assistem ao mesmo programa de televisão e visitam os mesmos pontos pitorescos, se a datilógrafa se apresenta tão atraentemente pintada quanto a filha do patrão, se o negro possui um Cadillac, se todos leem o mesmo jornal, essa assimilação não indica o desaparecimento de classes, mas a extensão com que as necessidades e satisfações que servem à preservação do Estabelecimento é compartilhada pela população subjacente. (MARCUSE, 1973a, p. 29)

É somente seguindo o desdobramento do fetichismo que tal pensamento pôde ser elaborado. É partindo da análise de tal fenômeno que se faz possível tratar do que Marcuse nomeou de falsas necessidades. Essas falsas necessidades da ideologia da sociedade industrial surgem justamente desse modo de existência onde a humanidade se coloca serva da sua própria produção, e a relação entre as pessoas se dá através das mercadorias. Desse modo, as pessoas “Encontram sua alma em seus automóvel, *hi-fi*, casa em patamares, utensílios de cozinha. O próprio mecanismo que ata o indivíduo à sua sociedade mudou, e o controle social está ancorado nas novas necessidades que ela produziu” (MARCUSE, 1973a, p. 29-30). Marcuse ainda afirma que, além da mercadoria ser aparente autônoma, ela ainda doutrina, manipula e promove falsa consciência.<sup>11</sup> Isso acontece porque a publicidade dessas mercadorias não vende a

---

<sup>10</sup> MARX, 2006, p. 45.

<sup>11</sup> MARCUSE, 1973a, p. 32.

mercadoria em si. Vende um estilo de vida. Quando um trabalhador compra algo parecido com o do seu patrão, de certa forma ele está comprando aquele modo de vida, e em alguns momentos ele pode se sentir o patrão. Marcuse afirma que essa realidade criada está em todos os lugares e constitui essa única dimensão. E essa unidimensionalidade é o resultado do processo de coisificação do homem, do qual Marx falava em sua teoria do fetichismo. Para Marcuse é “forma pura de servidão: existir como instrumento, como coisa [...] os próprios organizadores e administradores se tornam cada vez mais dependentes da maquinaria que eles organizam e administram” (MARCUSE, 1973a, p. 49-50).

A sociedade unidimensional é a sociedade onde o fetichismo é ainda mais poderoso. Para o autor, o alcance desse feitiço é tão grande que o próprio conceito de introjeção já não consegue mais descrever tal processo. Segundo ele, o conceito de introjeção pressupõe uma ação, de certa forma espontânea, onde o sujeito assume valores exteriores. De acordo com Marcuse, no capitalismo avançado isso não acontece pois ocorre uma identificação imediata do sujeito com a sociedade através de múltiplos processos de introjeção, resultando numa mimese.

O conceito de mimese é um tema bastante discutido entre os teóricos críticos. Para Marcuse, tal conceito se refere à uma espécie de dissolução do sujeito, e entrega ao todo. É uma extrema passividade que torna o indivíduo um imitador do *ethos* da sociedade, que no caso é unidimensional. Tal teoria pode parecer extravagante e exagerada, visto que ela exclui quase toda possibilidade de autonomia do sujeito, já que este é somente um repetidor da ordem social. Muitos autores desenvolveram críticas ao pensamento marcuseano por esse viés. Marcuse teria exagerado em sua teoria da unidimensionalidade e ainda teria criado uma teoria elitista, pois em *Eros e Civilização* e *One-Dimensional man* a saída para esse imbróglio estaria em grupos que não estariam sob o feitiço do pensamento unidimensional capitalista. Pode-se dividir em dois esses grupos. 1-O grupo dos que não podem fazer parte do sistema, os desempregados, os não empregáveis e os subempregados não participariam em nada do *welfare state*, e por isso não participariam da sua manutenção. 2- Os que se recusam a fazer parte do sistema, sendo estes os ativistas sociais, como os Panteras Negras, os *hippies* politizados e membros do movimento estudantil, bem como os artistas e escritores marginais, como os *beatniks*. Tal posição política foi chamada de *Nova Esquerda*. Ambos os grupos, os párias e a Nova Esquerda, não partilhariam da mentalidade capitalista por escolha ou por necessidade. Considerando o primeiro grupo, dos párias sociais, Marcuse argumenta

que a as suas existências em si já seriam uma denúncia ao pensamento unidimensional, ainda que estes não possuam consciência revolucionária, isso porque as suas vidas já seriam uma acusação do sistema capitalista, elas trariam à tona a face mais cruel desse sistema. O autor questiona a velha máxima marxista de que os proletários podem perder somente os seus grilhões. No capitalismo tardio, muitos trabalhadores usufruem do *welfare state*, e outros tantos, ainda que não usufruam, podem perder, além de seus grilhões, a fantasia e as ilusões vendidas pelo sistema, que de algum modo os mantém “confortáveis”. Sendo assim, os párias seriam aqueles que realmente não possuem nada a perder, além de seus grilhões.

Sobre o segundo grupo, a Nova Esquerda, Marcuse aposta em uma nova forma de se fazer política, descentralizada, ligada aos movimentos sociais e às chamadas pautas indenitárias. Para ele, os membros da Nova Esquerda, teriam se recusado a viver sob o feitiço do capitalismo, cultivando outras formas de vidas, baseadas em valores distintos.

Desse modo, alguns autores consideram que o pensamento de Marcuse seria pessimista e elitista. Pessimista porque teria exagerado no nível de poder exercido pelo capitalismo, e elitista pois considerava que a solução estaria em grupos que não estariam sob o feitiço do pensamento unidimensional, ainda que esses grupos sejam compostos por mendigos e marginais. Tais críticas podem ser encontradas, dentre outras obras, em *A Teoria Crítica ontem e hoje* (1986) de Barba Freitag e também em *Mudar o mundo sem o tomar o poder* (2002) de John Holloway. Parece-me que tais críticas possuem razão de ser. Marcuse publica *One-Dimensional man* e um novo prefácio para *Eros e Civilização* em meados da década de sessenta, desiludido com o avanço da unidimensionalidade que não se restringia aos países capitalistas, mas que também era partilhada pelos países de orientação política soviética. Contudo, o pensamento marcuseano não se encerra aí. Em 1972, ele publica *Contra-revolução e Revolta*, onde minimiza a força controladora do pensamento unidimensional, afirmando, dentre outras coisas, que existe um descontentamento com a sociedade capitalista, ainda que ele seja apolítico e não organizado.<sup>12</sup> Afirma também que a cultura de amor ao trabalho e ao sacrifício não é universal, e demonstra isso através de dados sobre o absentismo,<sup>13</sup> e ainda resgata a importância dos conselhos de trabalhadores. Marcuse não abandona o conceito de unidimensionalidade, e nem a importância de se criar valores diferentes dos

---

<sup>12</sup> MARCUSE, 1973b, p. 33.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 30.

valores do *Ethos* capitalista, porém, ele relativiza o poder de dominação mental do capitalismo. Já em *O fim da utopia* de 1967, ele deixa claro que a transformação social não é obra daqueles que se encontram, de certa forma, fora da unidimensionalidade, e alerta para o problema de isolamento destes. É necessário que tais grupos saiam dos seus *ghettos* para socializar a sua forma de vida e mobilizar as pessoas no sentido da mudança social. Tal alerta já fora feito em *One-dimensional man*, e a sua preocupação em reafirmar e aclarar essa questão se dá pelo fato de que esse ponto foi muito mal interpretado. Ainda em vida, em diversas entrevistas, Marcuse deixou claro que a Nova Esquerda não substitui o proletariado e tampouco seriam os guias da transformação social. O seu papel seria viver e propagandear um novo estilo de vida baseados em valores diferentes do capitalismo.

O pensamento de Marcuse é profundamente influenciado pelo de Marx, e a sua teoria da unidimensionalidade tem raízes não só nas obras de juventude do mouro, mas também em suas teorias sobre a forma mercadoria, sobretudo no fetichismo. Assim como em Marx há um feitiço que torna os produtos do trabalho humano o centro das relações sociais, fazendo com que as pessoas mantenham relações enfeitiçadas. Em Marcuse esse feitiço assume a alcunha de unidimensionalidade e parece ser mais poderoso nas sociedades do século XX, quando o capital assume novas e mais eficientes formas de controle. A ascensão da mídia de massa, a publicidade e a indústria cultural, dentre outras coisas, compõem a organização social que tem por objetivo criar verdades e necessidades e introjetá-las, de modo que as pessoas as aceitem como verdades incontestáveis. Em alguma medida, o espanto de Marcuse com essas novas formas de controle pode tê-lo levado a um pessimismo exagerado sobre a possibilidade de emancipação nesse arranjo social. Todavia, tudo indica que em textos posteriores a *One-dimensional man* ele consegue se afastar dessa visão fatalista sobre uma mudança social que permita romper com o capitalismo.

## **Referências**

- ABROMEIT, J. *Herbert Marcuse: a critical reader*. New York; London: Routledge, 2004.
- FREITAG, B. *A teoria crítica ontem e hoje*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- HOLLOWAY, J. *Mudar o mundo sem tomar o poder*. São Paulo: Editora Viramundo, 2003.
- KELLNER, D. *Herbert Marcuse and the crisis of Marxism*. Berkeley, CA: University of California Press, 1984.
- LOUREIRO, I. *A grande recusa hoje*. São Paulo: Editora Vozes, 1999.

- \_\_\_\_\_. Herbert Marcuse, crítico do capitalismo tardio: reificação e unidimensionalidade. In: ALMEIDA, Jorge de; BADER, Wolfgang (org.). *Pensamento alemão no século XX*. São Paulo: Cosac Naif, 2009.
- MARCUSE, H. *A ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1973a.
- \_\_\_\_\_. *Contra-revolução e revolta*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1973b.
- \_\_\_\_\_. *Eros e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1975.
- \_\_\_\_\_. *O fim da utopia*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1969
- \_\_\_\_\_. *Tecnologia, guerra e fascismo*. São Paulo: Fundação da Editora da Unesp, 1999.
- MARX, K. *O Capital – crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Manuscritos econômico-filosóficos*. In: Karl Marx, “Coleção Os Pensadores”. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Editora Boitempo, 2007.
- MOURA, M. C. B. de. *Os mercadores, o templo e a filosofia*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004
- REPA, L.; TERRA, R. *Dossiê Teoria Crítica*. Cad. CRH., Salvador: n. 62, 2011.